4
“A nossa escola é uma escola que atende crianças moradoras de favelas e em sua maioria crianças negras”.

Neste capítulo apresento o campo da pesquisa empírica, a estrutura física da escola, suas características e os sujeitos que participaram da pesquisa: as crianças, as professoras e os funcionários da escola. Reitero que o relato que apresento foi colhido através das entrevistas com os profissionais, das conversas informais, das anotações e fotografias registradas nos cadernos campo, e, principalmente nos diálogos com as crianças que compunham a turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

Subdividi este capítulo em quatro itens, assim discriminados: a Escola Estadual Boa Vista, seus sujeitos e sua realidade; o pátio e seus rituais; a sala de aula e o refeitório da escola.

4.1
Contextualizando a Escola

A pesquisa foi realizada em escola pública no município de Niterói, que denominei Escola Estadual Boa Vista[12]. A escolha se deu por ser uma escola pública, com as séries iniciais do Ensino Fundamental e por receber uma clientela da classe popular, sendo a grande maioria de alunos negros, moradores de três favelas da cidade de Niterói.

Niterói é uma cidade que apresenta o melhor índice de qualidade de vida do Estado, sendo a 3ª cidade brasileira de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil. Este índice é mensurado pelos indicadores de saúde (longevidade); educação (alfabetização) e renda. É o município mais alfabetizado do país (96,45% da população com mais de

[12] No período em que se realizou a pesquisa, a escola se encontrava em reforma, ou seja, havia pintado toda a fachada, os banheiros do térreo estavam sendo reformados; a biblioteca estava fechada para reforma e uma vez tivemos que sair da sala e ir para o pátio, pois o pedreiro entrou na sala e informou à professora que precisava consertar a porta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

15 anos sabe ler e escrever), e o mais escolarizado do país, segundo dados do INEP – (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Ministério da Educação).

4.1.1
A Escola Boa Vista

A Escola Boa Vista está localizada no centro de Niterói, em uma área comercial, e foi inaugurada em 1966. Ela atende do 1º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio. Cada turno – manhã, tarde e noite – tem 14 turmas. A pesquisa focalizou o período da tarde, composto por alunos das séries iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano. No período da manhã são desenvolvidas as aulas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, assim como três turmas do primeiro ano do Ensino Médio; no período da noite, além das turmas da segunda etapa do Ensino Fundamental, estão também as compostas por alunos do Programa Educação de Jovens e Adultos – EJA. A escola tem 1.100 alunos nos três turnos. As turmas das séries iniciais (1º ao 5º anos) são constituídas por cerca de 25 a 30 alunos e contam com 9 professores.

Foto 6: O Prédio da Escola Estadual Boa Vista

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

A unidade escolar fica próxima a três favelas e sua clientela é, na grande maioria, moradora dessas favelas: crianças de famílias de camadas populares, de baixa renda, muitas delas negras; há também a presença de crianças e famílias nordestinas, segundo depoimentos dos profissionais e das próprias crianças que participaram da pesquisa.

A escola ocupa uma área pequena, em uma rua comercial e de fácil acesso. O espaço escolar distribui-se em área externa descoberta onde as crianças brincavam na hora do recreio. Nessa área não há nenhum tipo de material para dar suporte às brincadeiras. Era simplesmente um espaço onde as crianças brincavam de correr, pique-pega, figurinhas e outras brincadeiras inventadas por elas mesmas. Na escola não há quadra de esportes e as crianças, além de realizarem suas atividades ao ar livre, também podiam brincar no pátio coberto da escola.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

Foto 7: Pátio Coberto da Escola

Foto 8: Pátio descoberto da Escola

Nessa mesma área coberta as crianças fazem filas para ir para as salas de aula. Esse local é usado na hora do recreio, pois a parte descoberta é pequena e não dá para todas as crianças brincarem. Tal pátio dá acesso a um corredor, com cerca de uns 20 metros, que, por sua vez leva ao refeitório, ao bebedouro, à cozinha, à despensa e aos dois banheiros, que no período da pesquisa, se encontravam em reforma.

Foto 9: Primeiro corredor da escola. Do lado esquerdo se encontram: os banheiros, o refeitório e o bebedouro.

Ao final desse corredor situam-se dois lances de escadas que levam aos dois pavimentos da escola, assim divididos:

- primeiro andar: 5 salas de aula, uma sala de professores, dois banheiros e uma secretaria, que era, ao mesmo tempo, a sala da diretora geral e de sua adjunta. Todas as salas ficam situadas na parte esquerda do prédio, e a secretaria em frente ao corredor, tendo uma visão privilegiada para que todos os funcionários da secretaria, os diretores e coordenadores pudessem acompanhar os acontecimentos em torno das salas de aula e dos corredores;
- segundo andar: outro corredor enorme, com 9 salas de aula, uma sala de coordenação, dois banheiros e uma biblioteca que ficava em frente ao corredor. As salas de aula ficavam todas situadas do lado esquerdo do prédio. No período em que foi realizada a pesquisa, a biblioteca se encontrava fechada para reforma. A escola não dispunha de nenhum funcionário para atuar naquele local e, em quase todas as reuniões pedagógicas, as professoras perguntavam quando ela voltaria a funcionar. A sala de informática também se encontrava fechada por falta de funcionários qualificados para a área.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

Registrei no meu caderno de campo o seguinte depoimento de uma professora:

> O governo enviou computadores para as escolas, mas não capacitou um profissional para lidar com a tecnologia. Quando enviar um profissional, os computadores não vão mais funcionar, pois estão parados e enferrujados. Como eu vou com a minha turma com 30 ensinar a mexer no computador[13]? (Caderno de campo, 4 de abril de 2008)

Neste sentido é possível afirmar com Juarez Dayrell (2006) que "a arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários" (id, p. 147).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

4.1.2
O pátio da escola Boa Vista e seus rituais

O pátio coberto se encontra no térreo do prédio de dois andares. Em torno dele também se situam outros espaços escolares: do lado esquerdo ficam o bebedouro, dois banheiros - masculino e feminino - , a cozinha e o refeitório; do lado direito, o pátio descoberto - para ter acesso a este local é preciso passar primeiro pelo pátio coberto.

O turno da tarde funciona das 13:00h às 17:00h, e se inicia com os alunos entrando no pátio coberto. As crianças, enquanto o sinal não soa, ficavam jogando "bafo"[14] em grupos, sentadas no chão. Havia

---

[13] Essa é a fala de uma professora da 4ª ano do Ensino Fundamental feita durante uma reunião pedagógica, da qual eu participei. As professoras sempre perguntavam para a coordenadora pedagógica sobre a abertura da sala da biblioteca, da televisão, do vídeo e da sala de informática. No período em que fiquei na escola não presenciei nenhum professor usando esses materiais. Também a escola não dispunha, no momento da pesquisa, de nenhum material didático para as professoras e as crianças. No recreio não havia nenhum brinquedo disponível. As crianças ficavam correndo pelo pátio ou jogando figurinhas. As reuniões pedagógicas aconteciam de 15 em 15 dias, sempre às sextas-feiras, sob a supervisão da Coordenadora Pedagógica. Na semana em que acontecia a reunião pedagógica, as crianças eram dispensadas às 15h.

[14] As crianças chamavam essa brincadeira de "bafo", mas as professoras e os funcionários chamavam de figurinhas. Essa brincadeira predominava na escola, ou seja, no pátio, na sala, na

os que ficavam em rodinhas, conversando, os que corriam, observavam os jogos e as conversas e os que ficavam em suas respectivas filas, aguardando a inspetora chegar para organizar a entrada nas salas de aula.

Segundo MacLaren, “explicar um ritual é inevitavelmente examinar as dimensões simbólicas da vida social. Os rituais são melhor entendidos através de uma compreensão dos símbolos” (MCLAREN, 1995, p. 81).

Na Escola Boa vista, há muitos rituais protagonizados pelas crianças já no momento da entrada e no próprio pátio coberto da escola. Um dos meus registros ilustra bem essa afirmativa:

> *Hoje cheguei à escola às 12h e 30min. e fiquei observando a entrada das crianças no pátio e seus rituais: eles chegam com suas mochilas nas costas, algumas bem velhas, sujas e desgastadas, com uniformes velhos, outros sem uniformes, de chinelos ou tênis, mas todos chegam, para mais um dia de aula. A inspetora abre o portão e as crianças vão entrando e formando suas filas. Cada série tem sua fila. No turno da tarde são duas turmas de cada série, então começa-se pelo 1ª e vai até o 5º ano do Ensino Fundamental. Este é um local onde eles já sabem que têm que chegar e ficar em filas, mas algumas crianças não ficam e começam a se reunir em grupinhos para jogar o bafo. O bafo é a principal brincadeira da escola e tanto meninos como meninas gostam de jogar bafo. Meninos e meninas sentam no chão, em rodinhas, para jogar ou ficam em rodinhas conversando em pé aguardando o sinal soar. Meninos e meninas correm, empurram, batem, brincam, riem e choram. As mochilas das meninas são da cor rosa em sua grande maioria; as mochilas dos meninos são azuis, pretas e cinzas. O sinal soa e começa o ritual da fila: “vamos, todos na fila, acabou a figurinha”. Os meninos continuam sentados no chão jogando figurinhas, outros/as em pé em rodinhas conversando. O sinal toca novamente e a inspetora torna a chamar atenção da turma: “vamos, não ouviram o sinal tocar. Fila! Vamos”! “Todos retinhos, um atrás do outro”. A inspetora começou a andar pelo corredor para observar fila por fila quem estava encostado na parede. As meninas ficam na frente, os meninos ficam atrás, pois algumas professoras falam isso para os meninos. Primeiro as damas, disse um garoto para a professora. Meninos atrás! A Diretora chega e pede para que todos fiquem em silêncio, pois iriam começar a oração. Neste momento ela chama atenção das crianças sobre o comportamento e sobre os direitos e deveres para com todos. “Vocês têm que respeitar os colegas e respeitar as professoras. A gente não pode xingar um coleguinha, a gente não*

---

entrada e na saída eles sempre estavam brincando de bafo. O interessante é que brincavam meninos e meninas juntos, sem separação. A professora que participou da pesquisa não gostava dessa brincadeira na sala de aula e sempre pedia para as crianças guardarem as figurinhas, mas sempre eles queriam brincar e subverter as regras na sala e no pátio da escola.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

> *pode desrespeitar o professor. Xingar, hoje, um coleguinha, é crime e o seu pai pode pagar por isso. Quem xingar o coleguinha vai ganhar uma suspensão e depois vai ser convidado para se retirar da escola, pois não pode xingar o coleguinha. Todos devem ter cuidado com as palavrinhas quando se dirigirem aos colegas, é preciso ter cuidado quando for falar com um coleguinha, pois o palavrão pode machucar o outro e quem estiver xingando o colega pode ser chamado para conversar com a diretora e levar uma advertência."(* Caderno de campo, 29 de abril de 2008)

Todos prontos nas filas, ou seja, série por série, a inspetora pede silêncio, pois iniciará a oração. E sempre quem começava a oração era um aluno/a do 5º ano, a pedido da inspetora ou da diretora adjunta, que também às vezes estava presente para realizar esse ritual. Todas as crianças, antes de irem para suas salas, rezavam o Pai Nosso. A diretora adjunta sempre conversava com as crianças e pedia para que naquele dia corresse "tudo na paz de Jesus!" Algumas crianças sempre chegavam depois do sinal e depois da oração. Terminada a oração, as crianças eram enviadas para suas salas e até chegar nas sala de aula as filas eram desfeitas, e não percebíamos mais a separação entre meninos e meninas, pois eles estavam juntos correndo pelos corredores. Para chegar à sala da turma onde desenvolvi a pesquisa era preciso passar por dois corredores e dois lances de escada e, até lá, todos os alunos e alunas corriam. Mas, quando chegavam à porta da sala o comportamento mudava completamente, pois lá se encontrava a professora:

> *São 15h:30min, o sinal soa. Todos correm para a mesma direção, para o local da fila no pátio coberto. Quando chego ao pátio percebo que tem uma fila só de meninos. Acho estranho e penso que só houvesse meninos nesta sala, sem perceber que era a outra turma do 1º ano, pois estavam em outra posição. Quando olhei, as meninas estavam encostadas na parede e a professora estava chegando para subir com a turma. Neste momento a inspetora me chamou e perguntou se eu poderia subir com a turma (com a qual desenvolvo a pesquisa) e respondi que sim. Um menino imediatamente perguntou para a inspetora se não iria formar fila de meninos e fila de meninas, mas ela não escutou. Subi com a turma, mas eles fizeram a maior confusão. Eles já sabem que eu não exerço nenhuma autoridade e que eu estou ali para observá-los e não para controlá-los. Quando chegam à porta os rostinhos mudam, eles ficam sérios e tentam mudar o comportamento rapidinho.* Pois, como diz McLaren (1991) passam do "estado de esquina de rua" ou recreio para o "estado de estudante" (Caderno de campo, 28 de março de 2008)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

E o próprio MacLaren (1991) afirma:

> Os rituais podem ser considerados “ruins” se eles restringem as subjetividades dos estudantes, colocando limites no discurso de oposição, no diálogo reflexivo e na crítica. E os rituais podem ser considerados “bons” se criam uma alternativa à hegemonia (contra hegemonia) que possibilitará aos participantes refletir criticamente sobre o modo pela qual a realidade é percebida e compreendida (p. 130).

Posso afirmar que os rituais vivenciados na escola pesquisada não proporcionavam aos alunos crítica ou reflexão sobre a realidade vivida lá e na sociedade como um todo, mas serviam para reforçar as visões hegemônicas da nossa sociedade, pois ainda continuam transmitindo e reforçando os valores predominantes e o *ethos* de uma estrutura social, elitizada, hierarquizada e de classe média. Os rituais na escola pesquisada serviam para o controle, para a normalização, e não provocavam as crianças a refletirem sobre suas experiências de vida ou sobre as questões que às vezes emergiam, a partir das próprias vozes das crianças. Os rituais reforçavam uma visão homogeneizadora e monocultural da cultura escolar e da escola[15].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

[15] Estou utilizando os conceitos adotados por Forquin, que chama a atenção para o fato de que a cultura escolar se refere aos conhecimentos intencionalmente trabalhados na escola, de modo especial, na sala de aula. Forquin (1993) trabalha o conceito de cultura da escola e procura ampliar a sua percepção das dinâmicas vividas na escola e dá subsídios para uma visão mais complexa e abrangente do cotidiano escolar. Muitas vezes o que predomina nessas instituições é uma cultura escolar rígida, padronizada, ritualística, pouco dinâmica e que pouco dialoga com o contexto cultural das crianças e dos jovens que fazem parte desse ambiente.

Foto 10: Meninos e meninas entrando no pátio para se organizarem em filas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

No entanto, havia também os espaços de descontração e espontaneidade:

Foto 11: Crianças brincando no pátio coberto no recreio.

Eram 15h:10min., estávamos no pátio e observei as crianças e suas relações - os meninos e as meninas, as crianças negras e as crianças brancas e as brincadeiras, os símbolos, os gestos e as produções de conhecimentos que se dão neste espaço de correr, brincar, de intrigas, encontros, amizades, choro, riso, machucados, palavrões, danças, músicas, corrida, figurinhas, rodinhas, esbarrões e conversas. Conversas em grupos de meninos, de meninas e em grupos de meninas com meninos.

Hoje, as meninas brincaram com os meninos de pique-cola. Primeiro, as crianças fizeram uma grande roda e aí uma delas começou a dar ordens para iniciar a brincadeira. Jussara era a líder. Tiraram no "par ou ímpar" quem correria primeiro para tentar colar os outros. As crianças começaram a colocar os dedos no meio da roda e Jussara observava se o resultado foi par ou ímpar. Quem for ganhando vai saindo e o último a ficar vai correr atrás dos colegas para tentar colar. Ao colar todos os colegas, começa tudo novamente em uma roda com par ou ímpar. Para a escola, eles ainda não sabem o que é par ou ímpar, mas nas brincadeiras eles aprendem na prática, no coletivo, na dúvida, na invenção e reinvenção dos acontecimentos e também na improvisação. "Sara, 17 é par ou ímpar"?

"É ímpar, Jussara, conta aí nos dedos", disse Rodolfo para Jussara. "É ímpar, Sara". Jussara perguntou para mim, mas não respondi e aí o Rodolfo falou: "É impar, Jussara". "Ah, tá", disse Jussara. (Caderno de campo, 29/05/2008, pp. 123, 124)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

4.1.3
A sala de aula é um mundo social....

Foto 12: A sala de aula

"Uma sala de aula, com efeito, é uma pequena sociedade" (DURKHEIM, 1922 apud SIROTA, 1994, p.15).

"As crianças são atores sociais, participam das trocas, das interações, dos processos de ajustamento constantes que animam, perpetuam e transformam... a sociedade. As crianças têm uma vida cotidiana, cuja análise não se reduz à das instituições"(Sirota, 2001, p.10)

Conforme já explicitado, a observação na sala de aula começou em março de 2008 e se deu numa turma de 1ª série do Ensino Fundamental no turno da tarde, pelo período de 5 meses. Estive na escola sessenta dias, ao longo desses cinco meses. Ao todo, foram duzentas e quarenta horas de observação.

As salas de aula são claras e arejadas; possuem ótima luminosidade, tanto natural como artificial; equipadas com mesas e cadeiras muito desgastadas, incluem armários pichados, com portas quebradas. Todas as salas possuem duas janelas, cortinas e dois ventiladores. São decoradas com cartazes, murais que sempre mudam, de acordo com o trabalho que realizado pelas professoras.

O mobiliário da escola não estava em bom estado de conservação; as mesas e cadeiras estavam todas riscadas, os armários pichados, com portas quebradas e sujas. As paredes estavam também bastante sujas. Um fato interessante era que a escola, mesmo com seu mobiliário velho e as paredes manchadas, estava sempre limpa, ou seja, no período em que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

a frequentei sempre encontrei as auxiliares de serviços gerais limpando e arrumando o espaço.

Na escola sempre víamos algumas siglas pelas paredes, mesas, cadeiras como, por exemplo: a sigla A.D.A[16]. As crianças na sala de aula sempre conversavam sobre suas moradias e ressaltavam a presença de "comandos" na favela. O diálogo registrado na sala de aula entre as crianças mostra a realidade vivenciada por elas.

No final da sala, observo 3 crianças conversando sobre o morro. Ricardo pergunta:

> - Ronaldo, onde você mora?
> - No Sabão.
> - Lá é comando Vermelho?
> -Não, lá é A.D.A.
> - Ricardo, agora, pergunta a outro menino:
> -E você, onde mora?
> -José responde: No Boa Vista.
> -Lá também tem comando? Lá é qual comando?
> -José não responde, e fica quieto, mas o Ricardo perguntou novamente qual comando que dominava a favela dele.
> -O Ricardo fala:
> -O nosso comando é A.D.A. O seu é C.V. [17]?
> Não, o nosso comando também é A.D.A. O C.V. quis invadir, mas aí o A.D.A não permitiu, estava todo armado com cada arma!
> Tatiana observa a conversa juntamente com a pesquisadora, mas não fala nada. Pergunto para Tatiana o que é "comando."
> Não sei não, tia.
> - Por que eles falam de comando, Tatiana?
> Não sei, só sei que na favela eles pintam as paredes com essas letras pra dizer que ali é aquele comando, entendeu? Na minha tem A.D.A. (Caderno de campo, 20 de maio de 2008).

A sala da 1ª série ficava situada no primeiro andar, próxima à secretaria da escola. A sala era organizada por cinco filas, em cada fila cabiam, aproximadamente, seis crianças. A mesa da professora ficava situada perto do quadro negro e do lado direito da sala. Além de mesas e cadeiras, a sala de aula tinha um armário, onde estavam guardados alguns livros de matemática, ciências e o material que as crianças

[16] A.D.A (Amigos dos Amigos) é a sigla da facção criminosa que comandava uma das favelas representadas pelos usuários da escola. Esta sigla estava presente nas paredes das salas, nos corredores, nas mesas, cadeiras e armários e nas conversas das crianças.

[17] C.V. (Comando Vermelho) é a sigla da facção criminosa rival da A.D.A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

usavam em sala, como caderno, cola, tesoura, papel, etc. Alguns alunos vinham para a sala sem material, mas a professora sempre procurava conseguir o material escolar para essas crianças. Observei também que os cadernos de algumas delas eram reaproveitados. A direção da escola sempre que elas pediam dava lápis, apontador e caderno para as crianças.

No final da sala havia outro quadro negro, que era usado como mural e nele a professora sempre colocava cartazes, desenhos e atividades feitas pelas crianças. Ele também era usado para afixação de avisos de outras turmas dos turnos matutino e noturno.

A turma da 1ª série era composta por vinte e oito crianças, 12 meninas e 16 meninos, entre 7 e 14 anos de idade[18]. As crianças se sentavam geralmente por grupos da mesma comunidade, e estavam misturados meninos e meninas. No entanto, percebemos algumas separações em relação ao local da moradia, pois as crianças do centro de Niterói quase não se relacionavam com as que viviam na favela, sendo que algumas crianças não falavam que moravam na favela. Durante a pesquisa ouvi várias crianças comentarem que não moravam e nem gostavam da favela:

> -"Eu não moro na favela.
> -Você mora sim, eu vejo você descer o morro. Ele mora, professora, na favela só que ele não gosta de falar que mora lá. Eu acho porque chamam a gente de favelado. Eu não ligo, pode me chamar de favelada, eu moro lá".
>
> -"Eu não gosto da favela. Minha mãe gosta da favela, mas eu não gosto. Lá tem polícia e bandido e uma bala perdida pode acertar na criança e até matar. Meu padrinho foi morto assim. Ele estava sentado assistindo um jogo e aí veio polícia deu uns tiros e pegou a costa dele e aí ele morreu. A polícia entra e mata, mata adulto e mata criança", disse-me Tereza. (menina negra de 8 anos)

[18] Um dado interessante nesta pesquisa é a defasagem série/idade das crianças. As que estão com idade avançada são meninos e meninas negros/as que não tiveram acesso à educação infantil. A realidade não se mostra tão promissora para as crianças brasileiras, em especial para as crianças negras. O acesso à educação infantil vem aumentando em todo o País. Comparando os anos de 2005 e 2006, percebe-se que a proporção de crianças de 4 a 6 anos matriculadas na pré-escola subiu de 72% para 76%. Em números absolutos, esse crescimento representa mais 500 mil crianças matriculadas nessa etapa da educação básica. No entanto, apesar da melhoria no indicador nacional, o percentual de crianças negras fora da pré-escola subiu, no mesmo período, de 16% para 21%, segundo dados do Caderno UNICEF 2008.

.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

> -“Mas não é só na favela que tem polícia, todo lugar tem policia, disse Ana Carla”.
> (menina negra de 9 anos)
>
> -“Mas na favela tem mais polícia. Tem policia que só entra e prende, mas tem polícia que entra e mata”. (menino negro de 7 anos) (Caderno de Campo, 9 de junho de 2008).

Das 28 crianças, 21 moravam em favelas e 7 no centro de Niterói, em prédios. As 21 crianças que viviam em favelas moravam em casas ou barracos, de acordo com suas falas. Em relação ao pertencimento étnico-racial optamos por privilegiar a expressão das crianças. Essa questão será apresentada, de forma mais especifica, no capítulo 5 desta dissertação. Segundo a diretora e as professoras entrevistadas, aproximadamente 80% dos alunos/as da escola são moradores de favelas e a maioria negra. Algumas crianças falavam com sotaque nordestino, mas, por outro lado não gostavam de dizer que eram nordestinos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

4.1.4
O Refeitório

O refeitório fica situado no térreo da escola. Os/as alunos/as chegavam em uma grande fila, acompanhados pelas professoras que perguntavam a cada um se iria almoçar. As crianças que moravam no centro de Niterói quase não entravam no refeitório, pois almoçavam em suas casas e traziam seus lanches - sucos e biscoitos; os sucos eram guardados na geladeira do refeitório. Quem não almoçava, ia direto para o pátio. Todos os dias a refeição era servida às 15h. No período em que fiquei na escola pude observar que eram sempre as mesmas crianças que sentavam nos bancos do refeitório, ou seja, eram crianças negras em sua maioria e moradoras de favelas:

> “Tia, eu não almocei”. (Menino negro, 8 anos. Este menino chegava à escola às 10 horas da manhã para almoçar e só ia embora depois do jantar que era servido para o turno da noite, pois a mãe não estava trabalhando e ele não tinha pai, que fora “morto pelo crime.”)

> "A gente não tem horário de almoço para comer em casa".
> "Eu vim sem almoço". "Minha mãe sai cedo pra trabalhar e às vezes eu faço almoço, às vezes não, e aí eu almoço na escola[19] (Menina negra, 9 anos).
>
> "Eu não almocei, Sara". "Por quê?" "Porque não tinha nada na minha casa." (Menina negra, 7 anos) (Caderno de campo, 2/06/2008, p. 140)

Com freqüência presenciei incidentes que explicitavam a precariedade da vida de muitas crianças:

> *Eram 13h, e eu estava chegando à escola para mais um dia de pesquisa. As crianças já se encontravam na sala de aula. Chegando ao corredor, vi uma criança deitada no chão, em frente à porta de sua sala de aula, e o guarda da escola estava tentando conversar com ela para retirá-la de lá. Perguntei para o guarda se a criança estava passando mal. "Ele não tem nada não, só não quer entrar para a sala para estudar, quer ir embora". A sala onde a criança estudava se encontrava com a porta fechada. Abri a porta, conversei com a professora e ela me disse que a criança não queria estudar. Neste momento, acho que a coordenadora percebeu minha entrada na escola e veio observar o que estava acontecendo. Conversou com o aluno e pediu que ele se levantasse. A professora pediu para a coordenadora levá-lo à secretaria e ligar para seu padrasto. Fiquei curiosa para saber sobre esta situação e acompanhei a criança até a secretaria da escola, pois já conhecia sua história. Na secretaria, a coordenadora perguntou ao menino se ele havia almoçado, e ele respondeu: "Eu não almocei hoje". Fernando é magrinho e irmão da Tereza, que estuda na sala onde desenvolvi a pesquisa. Esses dois irmãos também passavam muita dificuldade financeira na época em que aconteceu a pesquisa. Segundo a professora e a escola, essas duas crianças sobreviviam do lixo e com a ajuda do Bolsa Família (Caderno de Campo, 25 de março de 2008).*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

[19] Esta criança tem 9 anos e já trabalha, ou seja, ela arruma, lava e faz almoço. A mãe dela é faxineira de uma creche e, segundo a criança, a mãe sai de manhã e só retorna à noite, e ela tem que fazer os serviços de sua casa e, às vezes, ela só arruma a casa e almoça na escola. Essa menina é negra, e está repetindo a 1ª série.

Foto 13: Crianças no Refeitório da Escola.

Nessa outra situação, também fica evidente que as crianças, em sua maioria, vinham para a escola sem almoço.

> *O professor de educação física entrou na sala de aula e deu 'boa tarde' para as crianças e a turma o cumprimentou. O professor falou que estava muito fraco o 'boa tarde' e perguntou se eles não tinham almoçado. Quase todos/as levantaram as mãos e falaram que não tinham almoçado"*, pois essas crianças vão sem almoço para a sala de aula (Caderno de campo, 15 de março de 2008).

Todas as segundas-feiras havia um cardápio pregado na parede do refeitório, indicando o que será servido durante toda a semana. Este cardápio era para os três turnos – pela manhã e à tarde serviam um almoço; à noite é servido um jantar, às 18h, ou seja, no momento em que os alunos/as estavam chegando à escola. O espaço do refeitório possuía mobiliário próprio, com mesas e bancos dos dois lados, direito e esquerdo - para que as crianças comessem sentadas e em grupos - e um balcão para que pudessem se servir de acordo com sua vontade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

A alimentação era servida em pratos *duralex;* havia *colheres*, e não se fazia uso de garfos nem de facas. A cozinha era equipada com todos os utensílios necessários para uma cozinha industrial. As cozinheiras serviam as crianças, cada turma no seu horário, pois o espaço do refeitório não comportava todas as crianças sentadas, somente duas turmas por vez.

Na Escola Boa Vista as crianças recebiam uma refeição composta, quase sempre, de feijão, arroz, carne, verduras e legumes, sopa e uma sobremesa que poderia ser uma fruta ou um doce de banana ou de leite.

Todos tinham de entrar na fila para pegar o almoço, e cada um ia recebendo seu prato e sentando. O refeitório tinha 4 mesas grandes com enormes bancos. As crianças sentam em grupos e geralmente eles eram formados somente por crianças negras, pois este local, como já foi dito, é mais frequentado por elas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA

Foto 14: Refeitório da Escola

O refeitório também era um local de encontros, conversas, diálogos, risos, brigas e choro...

> *O sinal tocou às 15h, hora do almoço para as crianças. "Vamos guardar os materiais e formar uma fila. Fila de meninos e fila de meninas", disse a professora. Fomos para o refeitório almoçar. O almoço foi feijão, arroz, carne moída, e a sobremesa foi doce de leite. Sentei perto da Junia, da Tereza, do Henrique e de sua irmã, que faz a 2ª série, e de mais 4 meninas de outras turmas, mas da mesma comunidade das crianças da 1ª série. Henrique percebe que estou ali para observá-los. Henrique diz para mim: "Eu sei o que você está fazendo aqui! Você está observando a gente! Você observa tudo o que a gente faz." Todos são negros e o assunto era sobre cabelo. Hoje quase todas vieram com um penteado afro – Junia passou a mão no cabelo da amiga e disse que estava muito bonito e bem feito. Cada menina estava com um penteado afro diferente e com enfeites. Elas são magras e altas e algumas têm aplique no cabelo. No refeitório, são poucas as crianças brancas que almoçam, as mais frequentes são as negras, moradoras da favela. Lá, as crianças procuram sentar em grupos por comunidade, ou seja, local de moradia. Almoçamos e fomos para o pátio brincar. (Caderno de Campo, 29 de maio de 2008)*

Como já foi apontado, a vida das crianças, com seus contextos tão vivos e plurais é muito visível no cotidiano da escola pesquisada. Vários acontecimentos demonstram isso: as histórias que elas contam sobre mortes, armas, drogas e bandidos, e as falas das professoras e de alguns pais a quem eu tive acesso.

Assim, seria preciso mais tempo para um profundo mergulho nesse cotidiano, mergulho que nos fizesse compreender essa complexa realidade. Apesar de ser uma escola toda gradeada, com portões fechados e muita segurança, posso afirmar que esta é uma escola que acolhe os alunos negros, pobres, moradores de favelas e das camadas populares.

Consideradas as peculiaridades da escola pesquisada, esperamos que as leitoras e leitores tornem-se próximos do ambiente, das vozes, das questões, das crianças e dos profissionais que constroem o cotidiano desta escola. A seguir, passaremos, para a apresentação das crianças, dos registros escritos, fotografias, falas e desenhos das crianças que compõem o relato sobre suas vidas e experiências do que é ser criança neste contexto social e escolar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710361/CA